

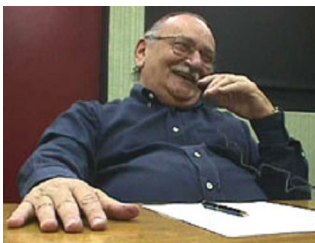


Sua revista virtual de Medicina

Edição nº 10

Copyright © 2000 Medicina On line - Revista Virtual de Medicina
Número 10 - Ano III (Abril/Dez de 2000)

Entrevistas



Prof. Horácio Ajzen

Sebastião: Mas...o falecimento dos seus pais... é um assunto que o senhor evita?

Prof. Horácio: É, eu tento evitar mas já que você perguntou vou responder. Meu pai morreu de leucemia, com 54 anos de idade, quando eu estava no 3º ano da escola. Minha mãe foi assassinada por ladrão em casa. Meus pais estavam construindo uns prédios e ele tinha tirado dinheiro...

Sebastião: Em Londrina?

Prof. Horácio: Em Londrina. Ele tinha tirado dinheiro no banco, na sexta feira, para pagar os pedreiros na segunda e no domingo à tarde, depois do jantar, meu pai saiu para tomar café. Um cara aproveitou a saída dele e entrou em casa e pediu dinheiro para minha mãe. Minha mãe era uma mulher corajosa e enfrentou o bandido. Aí ele a matou na hora com dois tiros. Eu estava em São Paulo nessa ocasião e foi uma época muito difícil porque eu perdi um vestibular por causa disso... e, em seguida, passei a andar com revólver na cinta à procura do assassino. Você vai publicar isso tudo?

Sebastião: Claro!

Prof. Horácio: *(risos)*. Eu acho que isso não precisa... mas eu vou contar. Comprei um revólver e andava pelo Norte do Paraná procurando o cara. Não o encontrei mas, casualmente, tinha um viajante que o conheceu informou o seu paradeiro a policia de Londrina.

Sebastião: O senhor conhecia o assassino?

Prof. Horácio: Eu não o conhecia, mas esse viajante o conheceu. Um dia, lá em Santa Catarina, esse viajante encontrou-se com ele disse: "ô rapaz, você desapareceu depois daquele assassinato" Aí o cara se abriu, foi preso.

Sérgio Draibe: A Escola Paulista de Medicina surgiu como uma contra-partida a Faculdade de Medicina da famosa USP. Na época, era criar uma outra medicina, à boa medicina que já se fazia na USP?

Prof. Horácio: É... havia uma certa rivalidade entre os estudantes da Escola e os estudantes da Faculdade sem dúvida nenhuma, e eles sempre estavam muito à frente da gente,

em todas as coisas, na nefrologia, por exemplo, quando nós começamos nefrologia eles já tinham uma clínica de diálise para insuficiência renal aguda, fizeram rim artificial, então tinha uma certa rivalidade sim. A gente tolerava, era reconhecido, eles tinham mais condições, tanto assim que você comparar a escola cirúrgica da Faculdade com escola cirúrgica da Escola há uma diferença enorme. Na parte clínica não, tanto assim que a Escola foi pioneira em vários setores da medicina, cardiologia por exemplo, começou na escola, começou com Sílvio Borges que veio do México, os primeiros estudos de hemodinâmica foram feitos na Escola.

Sérgio Draibe: Apesar dos recursos estar lá na Faculdade....

Prof. Horácio: Apesar dos recursos. Mas a hemodinâmica começou aqui na escola. Os primeiros casos do Zerbini foram operados aqui. O primeiro doente que eu tive era um doente de aneurisma de aorta quando eu estava já na enfermaria do Jairo Ramos, no 3º ano. Foi um argentino que veio aqui e fez a cirurgia.

Sérgio Draibe: O Vargas ?

Prof. Horácio: É um nome desse tipo assim, ele já era de idade etc,... então a Escola foi pioneira em muitas coisas, tinha uma parte básica muito boa, a parte de bioquímica era muito boa, na parte de clínica então nem se discute.... realmente sempre existiu a idéia que o médico formado na Escola, no sentido clínico, era superior ao da Faculdade, já na parte cirúrgica não.... depois a coisa foi evoluindo e o HC e o Incor e todas as outras áreas....e realmente.... eles tem muito mais condições do que a gente tem.

Sérgio Draibe: Nessa época tinha várias coisas de ponta também

Prof. Horácio: Aqui, na escola, sem dúvida nenhuma a cardiologia foi área de ponta, a propedêutica, a patologia geral com Sílvio Carvalhal. Ele era livre-docente, tinha saído ido pra Santos e depois voltou já livre-docente e montou uma disciplina de patologia clínica onde estudava todas as alterações valvulares. O Sílvio Borges fazia diagnósticos de alterações congênitas do coração pela radioscopia. A gente ficava lá olhando....então teve um grupo na escola, a partir do 3º ano, que teve muita sorte por estar junto com o Sílvio Carvalhal e junto com o Sílvio Borges. Nesse grupo estava o Oswaldo, o Portugal, o Natam... Nelson Peladino Saad, o Antônio lunes... grupo que formou o pronto-socorro de Cardiologia com todos os integrantes em tempo integral. Não havia residência, não tinha internato, não tinha nada, você ficava lá porque queria. Eu trabalhava sábado e domingo no INPS, fazendo laudo a domicílio. Tinha um carro e, naquela época, você podia ir, entrar em qualquer lugar, serviam café..., fazia laudo dentro da penitenciária do Carandiru, só pra você ver como a época era.

Sérgio Draibe: Os padrões eram respeitosos...

Prof. Horácio: Muito...e não tinha assalto, tanto assim que eu ia com a minha família

Sérgio Draibe: Mas e sobre o começo da faculdade?

Prof. Horácio: Então este grupo tinha muita sorte pois foi liderado pelo Sílvio Carvalhal. De manhã tinha as atividades normais e a tarde a gente fazia visita a enfermaria com o Carvalhal e era sempre ele perguntando: o que você acha?, o que você acha?. Isso foi um aprendizado fantástico!

Sérgio Draibe: Dr. Horácio, e a decisão para ir Seção de Metabolismo e Nutrição, como é que foi isso?

Prof. Horácio: Isso é um capítulo a parte da minha vida (*risada*). Eu sempre quis ser pediatra e no 5º ano da Escola e cheguei a fazer o concurso na Casa Leonor Mendes de Barros na pediatria! Passei e fiquei lá um certo tempo. Naquela época também tinha a Clínica Infantil Ipiranga, que era dirigida por uma livre-docente da Faculdade, uma excelente! Professora. Então fiz pediatria durante um tempo. Nesse período o Sílvio Carvalho formou esse grupo. Passado um tempo cheguei para o Sílvio Carvalho e disse: "vou largar o senhor agora e vou lá para a pediatria" e ele respondeu: "largar de ser besta, porque pediatria é apenas mamadeira, isso você aprende de uma hora pra outra, o que você precisa aprender é clínica médica!" Então foi aí que eu fiquei nesse grupo, convidado por ele, e a coisa foi caminhando de tal forma que eu deixei de ser pediatra pra fazer clínica, evidentemente porque realmente ele era um indivíduo que captava, agregava e ensinava

Sérgio Draibe: Ele sabia muito patologia

Prof. Horácio: Muita, muita patologia. Dava prazer ver ele examinando um paciente. naquela época você discutia sopros, pré-sistólico, reforço pré-sistólico e hiperfonése de bulhas... coisa que hoje em dia você nem pensa nisso. Nessa ocasião, eu já tinha entrado, por concurso, na enfermaria do Jairo. Naquela época, a partir do 2º semestre do 3º ano, tinham 2 enfermarias, enfermaria de Propedêutica que o Jairo dirigia e outra a 2ª Clínica que era dirigida pelo Sr. Antônio Gebara, um clínico fantástico!. Foi nessa ocasião então que eu conheci o Oswaldo ele estava 2 anos na minha frente e passou a ser o meu monitor. A gente começou a trabalhar juntos e até disputava para ver quem fazia a anamne primeiro paciente que internava. O Prof. Jairo fazia visitas 3 vezes por semana e você tinha que apresentar o caso, discutia o caso e ele concordava ou não concordava e mandava fazer alguma coisa. O Oswaldo era meu monitor... o Oswaldo estava fazendo estágio no Laboratório Central pois ele ia para os Estados Unidos e quando foi, em 55, veio o Magid. O Magid um cara com visão futura

Sérgio Draibe: O Magid lunes?

Prof. Horácio: Sim, o Magid lunes. Ele chegou e formou um grupo e convidou alguns indivíduos para trabalhar com ele e eu fui um dos convidados. Estava, acho, no 5º ano, 6º ano e esse grupo foi para frente e formou então a seção de Metabolismo e Nutrição.

Sérgio Draibe: Ele veio de onde?

Prof. Horácio: Ele é formado na Escola, foi para o México, passou uns anos no México e depois foi para os Estados Unidos. Naquela época, a gente fazia endocrinologia, reumatologia, fazia tudo. Isso é que era a seção de Metabolismo e Nutrição. Ele sempre teve uma liderança nesse grupo, tinha uma visão fantástica. A Rockefeller Foundation foi ele quem trouxe para a Escola e angariou junto a esta fundação todo o dinheiro para formar a infraestrutura do tempo integral no Departamento de Medicina

Sérgio Draibe: E o laboratório?

Prof. Horácio: Laboratório e tudo mais... até pagava a gente para permanecer em tempo integral. Ele Oswaldo e eu tínhamos consultório dentro do Hospital São Paulo. Então o

Oswaldo foi para Canadá e quem ficou na disciplina foi o Magid lunes, eu, e o Barreto.

Sérgio Draibe: Vocês já faziam pesquisa nessa época?

Prof. Horácio: Nessa época, não! Nessa época, a primeira coisa que a gente tentou fazer foi um ambulatório bem montado, a segunda coisa foi fazer um laboratório básico, tanto assim que nós dosávamos, inulina, paraaminonipurato, fazíamos glicemia, exame de urina, quer dizer... era um laboratório básico para atender o doente, o doente ambulatorial. Bom, aí chegou uma hora que o Oswaldo voltou para o Brasil e o Magid acabou saindo e, junto com Lezer, fizeram a Medicina Preventiva e me convidaram também. Eu acabei ficando lá algum tempo com eles... Fiquei assim uns 2 anos e aí o Magid resolveu ficar na Medicina Preventiva em definitivo, o Oswaldo assumiu a Nutrição e Metabolismo que aí passou a ser chamada de disciplina de Nefrologia. Nessa hora já tinha o Tipulo, o Uanandy Andrade, depois veio a Cacilda e aí vieram vocês que começaram a pós-graduação. A pós-graduação começou...

Sérgio Draibe: Em 71.

Prof. Horácio: É, 71. De uma forma não oficial, mas depois tomou corpo e a disciplina deu um pulo fantástico. Nas primeiras fases, antes dos pós-graduandos, nós fazíamos trabalhos e o primeiro trabalho nosso publicado no *Journal of Physiology*, foi em 63. O Oswaldo, eu e a Cacilda tínhamos feito um trabalho que era sobre o efeito da posição deitado em pé sobre a filtração glomerular com o uso da guanetidina. Foi publicado no *Journal of Physiology* em 63. Foi o primeiro trabalho que nós fizemos. Outra coisa interessante, em questão de trabalho, é que a gente servia de cobaia,. Um fazia o trabalho no outro. Eu fui sondado, passaram sonda vesical em mim e acabei tendo até bacteremia! (*todos os entrevistadores boquiabertos*). É verdade! Tomei também mercuridrim, que era um diurético da época.... (*todo mundo pasmo...*)

Sebastião: Mas do grupo, porque só o senhor era o escolhido pra ser passado na sonda vesical? (*risos gerais*)

Prof. Horácio: Não!! Não!!, Todos eram escolhidos! Com exceção do caso que eu vou contar agora. O Henrique Barros Barreto descobriu que tinha uma duplicidade de pele calcial e falou: "eu não quero ser sondado, eu vou urinar, não quero ser sondado". E a posição deitado em pé a gente fazia na mesa da radioscopia pois estudávamos o indivíduo deitado e em pé com seus respectivos clearances. Estava eu na sala e a Cacilda na sala colhendo a urina dele quando nós levantamos o Henrique e ele fazendo força para urinar para não ter resíduo, e aí, nesse esforço intenso um monte de fezes ... (*risos gerais, bagunça*)... foi rodando assim durinha, durinha, durinha. Estava eu e a Cacilda na sala. Peguei um papel e tirei aquilo de lá e continuamos como se nada tivesse acontecido. Quando fiz a tese de doutoramento eu promovia uma expansão muito grande nos pacientes e estudava o efeito da posição sobre secreção de renina. Nisso uma das pacientes, quando ficou de pé, desfaleceu. Quando ela estava começando a desfalecer eu grudei a paciente e fiquei grudado com ela, nisso o Naif entra na sala e assustado exclamou: "que é isso Horácio!!" (*risos*).

Sergio Draibe: Até hoje não foi esclarecido muito bem esse episódio (*risos*)

Prof. Horácio: A gente brigava muito com o pessoal da Faculdade nessa época porque, nos Congressos, era uma coisa muito difícil. Enquanto eles apresentavam 50 casos de insuficiência renal aguda a gente não tinha nenhum e apresentávamos somente os trabalhos de

fisiologia.

Sérgio Draibe: O que que o senhor fez pra atingir o topo da carreira acadêmica?

Prof. Horácio: Mais uma vez eu gostaria de mencionar o Magid lunes. Chegou uma hora em que a vida estava se tornando um pouco mais difícil e só o emprego de fim de semana, sábado e domingo no INPS não dava para o sustento. Como no primeiro ano de casado eu estava morando com minha irmã, meu cunhado eu não sentia o problema financeiro. Mas quando mudei para uma outra casa a coisa começou a apertar e aí cheguei ao Magid e falei: "eu vou sair da escola, estou precisando de um emprego portanto eu vou sair, não vai dar para continuar a coisa como esta e ele falou: "não, você não vai sair, você vai ser meu assistente na clínica particular" e o Magid tinha uma clínica fantástica... realmente fantástica. Tinha dias com 6, 8, 10 pacientes internados e quando ele viajava, eu tomava conta. Acho que devo ao Magid o estímulo para continuar na vida universitária. Também devo ao Oswaldo um exemplo a medicina. Ele tinha um pai médico, uma família de médicos em que estavam habituados a levar uma vida acadêmica.... coisa que eu não tinha..., então eu realmente me espelhei muito no Oswaldo e teve uma época que fui um auxiliar dele. Depois fui subindo, as coisas foram caminhando... Uma época vieram 2 professores para cá, da Carolina do Norte, da Universidade de Carolina do Norte, um deles chamava-se James W. Woods. E ele veio aqui para estudar hipertensão arterial e fazia todas as dosagens de catecolamina por cromatografia de papel e me colocaram para trabalhar com ele. O Magid falou: "você vai ficar com o Woods para auxiliá-lo" Assim, eu passava visita com ele, fazia biópsia de rim etc. Ele ficou seis meses aqui e foi embora para os Estados Unidos. Foi com a promessa de arrumar uma bolsa da Rockefeller. É claro que o Magid interferiu muito nesse negócio e aí eu fui pros Estados Unidos e fiquei lá por 2 anos. O primeiro ano foi básico, onde eu fiz alguns cursos de bioquímica, matemática, estatística, mas ao mesmo tempo freqüentava enfermagem e foi quando começou realmente nos Estados Unidos o estudo do sistema renina angiotensina, a dosagem do sistema através de método biológico. Aí voltei para cá e naquela época não tinha pós-graduação, era doutoramento que você fazia, não tinha mestrado, você fazia doutoramento. O Oswaldo já tinha feito a livre-docência antes e aí eu fiz doutoramento. Foi o primeiro ano em que os candidatos a doutoramento tinham que fazer aquela exposição de 30 minutos, isso foi criado pelo pessoal da farmacologia, o Ribeiro do Vale. Eu fui o primeiro que fez isso. Você tinha que expor 30 minutos da sua tese, como é hoje, e depois então você a defendia. Na véspera tinha havido uma defesa de doutoramento de um médico da psiquiatria, que tinha tomado bomba, pau, pau mesmo, não passou e quando eu cheguei para vestir a beca a secretária falou: "vou dar a beca do fulano para você viu?" (*risos*). Falei: "obrigado, não quero essa beca não!" (*risos*). Depois de fazer o doutoramento aí fui para livre-docência, não tinha solução, tinha que caminhar. O que eu estava falando com a Ita e o Sebastião, há pouco, dizendo que você (*apontando para o Sérgio*) e o Álvaro tinham defendido. Aí então eu fiz livre-docência e, de repente, apareceu vaga para titular. Eu me lembro que estava com o Oswaldo em Paris, nós estávamos conversando, bebendo, o Sérgio Stella telefonou para lá e falou: "escuta você precisa dar o título da sua aula de titular", meio bêbado, Paris, cabeça daquele jeito... eu falei: "Insuficiência Renal Crônica", bom foi um Deus nos acuda para dar essa aula depois!

Sérgio Draibe: Livre docência foi 79?

Prof. Horácio: Acho que foi 78. Outra coisa, na nefrologia, que foi muito boa foi abrir

uma pós-graduação para não médicos, uma pós-graduação básica, tá certo? Isso aí foi muito discutido na ocasião e eu acho que foi uma das melhores coisas que a disciplina de nefrologia fez e também porque esse pessoal é excelente, esse pessoal tem tempo para fazer pesquisa, não precisa ver doente sabe?

Pavão: Ontem, na reunião de pós graduandos, ficou demonstrado que 50% do pessoal é de não médicos

Prof. Horácio: Isso é verdade e vai acontecer cada vez mais. É um pessoal mais dedicado, à bancada, fica sentado, tem tempo para isso e se dedica a essa parte da pesquisa

Sérgio Draibe: Eu estou muito interessado na história da disciplina Dr. Horácio. Como é que nós poderíamos resumir as influências científicas, tanto nacionais quanto internacionais, mais importantes para a formação da nefrologia da Escola?

Prof. Horácio: É, eu acho que a influência maior primeira foi do próprio Magid que passou por dois estágios e conseguiu reunir um grupo formado por pessoas divergentes, mas que assumiram uma posição única no sentido geral de progredir cientificamente no todo e não só pessoalmente. A ida para o exterior foi fundamental nesse pensamento científico: o Oswaldo, o Antoine, o Barreto e eu fomos saindo para outros centros de pesquisa no exterior. Depois vieram os outros...quer dizer, não foi uma cabeça única que dirigiu a pesquisa, foram várias e várias cabeças. Acho que a nefrologia da EPM teve sorte em reunir essas cabeças divergentes à principio mas ao mesmo tempo convergentes para pesquisa. Desde 55 pra cá, o grupo foi mais ou menos homogêneo, com uma única exceção que foi a briga com David Korner...que acabou sendo expulso da disciplina, fora isto quem quis sair saiu, quem não quis ficou, alguns saíram por falta de entrosamento ou motivos pessoais.....as discussões aqui não são discussões em que você guarda mágoa. O Oswaldo e eu tivemos discussões homéricas, mas acabava e não tinha esse negócio de ressentimento. E eram discussões pesadas, nós tínhamos mania de estudar juntos, toda segunda feira, na casa dele, e passamos anos estudando toda segunda feira.... o Duílio ia também... passamos anos discutindo e toda formação da nefrologia, da pós-graduação, foram oriundas dessas discussões....não haviam divergências tipo: "ah! ele é melhor do que eu, eu sou pior" . Cada um respeitava o outro. O Oswaldo tinha um gênio muito mais forte do que o meu, muito mais briguento do que eu. Tenho um gênio muito mais conciliador e a coisa foi caminhando e os outros que vieram em volta tomaram como exemplo e foi a mesma coisa. Hoje você vê gente que é mais conciliadora e gente que é mais briguenta. O que precisa saber é realmente respeitar o outro para a coisa caminhar. Cada uma dessas pessoas que foram para o exterior trouxeram um negócio novo, uma metodologia nova ou então um assunto novo para ser estudado e esta foi a contribuição real. Eu estou sentindo no momento atual que o número de indivíduos que estão viajando é muito menor do que na época que a gente viajava e isso não é bom!. Acho que, neste sentido, nós levamos na nefrologia uma vantagem enorme sobre a Faculdade até um determinado período, hoje não mais, hoje eles tem, se não me engano, 12 livres-docentes enquanto nós temos 5? Eles estão viajando muito mais do que nós estamos.

Sérgio Draibe: Voltando então, complementando a pergunta: eu posso dizer, por exemplo, que a Chapel Hill foi importante na formação da disciplina de nefrologia, a McGill, a Cornell tiveram influência em termos de orientação na formação científica?

Prof. Horácio: Com certeza pode. O Sérgio Stella por exemplo foi para Nova Iorque, o Oswaldo foi McGill e eu fui pra Chapel Hill, seguramente, cada um de nós trouxe uma mentalidade de pesquisa de estudo entendeu? Importante foi fazer a pós-graduação, fazer indivíduos serem mestres, fazer indivíduos serem doutores... e isso teve influência do exterior... com toda certeza! Eu acho que, hoje em dia o pessoal que está aí é muito melhor preparado cientificamente... com uma mentalidade científica melhor do que naquela época. Eu tive que aprender a pipetar, ninguém me ensinou a pipetar, fui apanhando... as primeiras vezes que o Magid me convidou para trabalhar, acabei passando semanas dosando glicemia e passava dias inteiros dosando glicemia para saber quantas horas a insulina estaria fazendo efeito, que hora tem o pico.... isso tudo foi o aprendizado. Hoje em dia, o indivíduo tem o aprendizado muito mais fácil porque convive com mais gente que faz pesquisa....fica mais natural... agora, sem dúvida, teve influência e vai continuar tendo não tenho dúvida quanto a isso.

Sebastião: Hoje a Escola Paulista de Medicina tem quantos pós-graduandos?

Prof. Horácio: Na nefro tem 112

Sebastião: 50% não médicos?

Prof. Horácio: Não médicos... exatamente!

[Continua](#)

Para ser comunicado das novas edições ou de quaisquer modificações em Med On Line ou então, para opinar sobre as matérias desta edição, basta clicar [aqui](#)

